

“PREPARO PARA O FUTURO”, “INTERAÇÕES PARAZEROSAS COM OS AMIGOS” E O “APRENDIZADO DA CONVIVÊNCIA COM A ALTERIDADE”: SIGNIFICADOS DA ESCOLA E DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ESTUDANTES DAS CLASSES MÉDIAS URBANAS¹

Rosana da Silva Cuba – FFCLRP-USP

Agência Financiadora: CAPES

Introdução

Como docente de história e geografia na educação básica de escola privada que atende crianças e jovens de famílias de classes médias de centro urbano no interior do estado de São Paulo, muitas vezes me vi diante de situações em que a escola – e especialmente a sala de aula – era permeada por um ‘mar de histórias’ juvenis, “histórias” nem sempre compatíveis com as atividades pedagógicas propostas pelos docentes e pela instituição. Por muitas vezes, tive que competir com a aparente apatia que demonstravam diante das atividades didáticas que lhes propunha.

Inquietava-me com as seguintes questões: por que esses sujeitos pagam por um ensino se as suas condutas diárias não correspondem ao que se espera de um aluno? Quais valores atribuem à escola? Que significados tem o saber escolar em suas vidas? Quais são seus projetos de futuro?

Aportes teóricos e metodológicos: redimensionando os sujeitos da pesquisa

A partir da entrada no programa de mestrado pude circunscrever melhor as questões de pesquisa e acrescentar uma bibliografia que tratasse dos temas da escola e da juventude. Neste contexto foram importantes as contribuições oferecidas por Cândido (1964) e Sposito (2003).

Cândido (1964) propõe que compreendamos a escola como sendo, simultaneamente, um “grupo institucionalizado” e um “grupo social”. Como “grupo institucionalizado” a escola seria fruto da intencionalidade e racionalidade administrativa daqueles que lhe dão vida, inclusas as do “poder público”. Já a compreensão da escola como “grupo social” solicita que a consideremos a partir das “correntes de sociabilidades” que em seu interior são tecidas pelos representantes das gerações adultas e das novas gerações, sobretudo as sociabilidade gestadas por crianças, adolescentes e jovens.

Sposito (2003), ao refletir sobre as contribuições de Cândido, assinala que suas proposições permitem compreender que “as práticas observadas no interior da escola tanto recriam dimensões da vida social, como as filtram e muitas vezes são criações específicas do grupo”, e que o “potencial conflitivo e as tensões” potencialmente presente nas relações entre as gerações também se fazem presentes no interior a escola.

Ainda nesta chave, Sposito cita Marie Duru-Bellat e Agnès Henriot-Van Zanten (1992) para destacar o fato de que “não se nasce aluno, alguém torna-se aluno” (SPOSITO, 2003, p.218). Sendo assim, o estatuto e a identidade de aluno são construídos cotidianamente, nas malhas da escola, mediante o trabalho escolar, entre o que educadores esperam e como os educandos agem.

Por tais vias, busquei compreender as noções de juventude e situação juvenil a partir de obras de autores filiados aos domínios da Sociologia que se voltaram ao estudo da juventude e dos jovens, entre eles SPOSITO(2003); DAYRELL(2007); SETTON(2009); WELLER(2010); MANNHEIM(1993); FABBRINI & MELUCCI(1992), MELUCCI(1997); PAIS(2003); MARGULIS Y URRESTI(2000);

¹A investigação contou com apoio da CAPES, mediante bolsa-demanda social.

LÉON (2004). Com tal procedimento, busco seguir as orientações de Léon (2004) quando afirma que a melhor forma de conceituar a juventude é levar em conta o ciclo da vida associado às peculiaridades sociais, históricas e culturais nas quais os sujeitos se inserem.

A partir de tais aportes foi possível definir as estratégias de imersão no campo, através de procedimentos tais como: observação (em sala de aula e outros tempos e espaços), questionário proposto aos jovens, escrita de narrativa (também elaborada pelos próprios estudantes) e análise de uma comunidade virtual dos estudantes do 1º ano do ensino médio e seus professores.

Resultados parciais da pesquisa

A escola que serviu de campo foi o Colégio “Cecília Meireles²”, instituição privada de ensino, posicionada nos estratos médios da hierarquia de escolas privadas existentes naquela cidade. O “Cecília Meireles” tem doze anos de existência, está localizado em bairro distante da área central de Rio Preto, e atende à demanda social por ensino fundamental e médio.

A pesquisa de campo privilegiou os jovens estudantes do Ensino Médio do ano de 2012, matriculados no período matutino, posto que a escola não oferece esta etapa de escolarização nos demais períodos.

Dos 71 estudantes matriculados no Ensino Médio, 63 interagiram com a pesquisa, seja produzindo narrativas seja respondendo ao questionário construído para interlocução com os mesmos. Daquele subconjunto, 32 estudantes estavam matriculados no 1º ano, 19 no 2º ano e 12 no terceiro ano. Entre eles, 41 eram do sexo feminino e 22 do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos. A maioria (54) se autodeclarou branco e 43 declararam vivem em famílias nucleares; 11 estudantes registraram que vivem apenas com a mãe e os irmãos. O coletivo pesquisado tem à frequência diária à escola como única responsabilidade diária, o que permite compreendê-los como jovens que vivem a “moratória social” (MARGULIS Y URRESTI, 2000).

A situação de classe das famílias dos estudantes do “Colégio Cecília Meireles”

A partir da classificação sugerida pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, constatei que 19 famílias estão posicionadas na classe “A2”; 22 na “B1” e 17 na “B2”. Apenas duas famílias estavam situadas na classe “A1” e 3 na classe “C1”. Quanto à escolaridade dos pais (63) foi possível apurar que 08 deles tinham concluído o ensino fundamental, 24 finalizaram o ensino médio e 19 se diplomaram no ensino superior. A situação de máxima escolaridade das mães (63) revelou-se melhor do que a dos pais, pois 04 se certificaram no ensino fundamental, 21 concluíram o ensino médio e 31 se diplomaram no ensino superior.

Dentre as ocupações profissionais dos pais, entre os homens 18 eram empresários/ empregadores; 14 eram trabalhadores por conta própria, 5 eram profissionais liberais e 6 eram funcionários públicos e 13 eram empregados com carteira assinada; apenas 1 pai foi declarado como proprietário de terra ou arrendatário. No conjunto das mães, a situação apurada é relativamente diferenciada em relação a situação dos pais, pois apenas 4 delas foram declaradas como empresárias/ empregadoras, 02 foram registradas como profissionais liberais, duas trabalhavam por conta própria e 16 eram empregadas com carteira assinada e o mesmo número, funcionárias públicas. Dez estudantes informaram que suas mães são “do lar”.

²Nome fictício atribuído à unidade de ensino estuda, visando preservar sua identidade, assim como as identidades de docentes e estudantes.

Os dados sobre a escolaridade atingida pelos pais e mães dos estudantes pesquisados, assim como as situações sócio ocupacionais dos mesmos, não permitem identificá-los como representantes das denominadas “novas classes médias” (SOUZA & LAMOUNIER, 2010; NOGUEIRA, 2010), e tampouco como representantes das classes médias “tradicionais” e elitizadas. Em comum, com uma e outra, eles teriam a crença de que a obtenção de níveis elevados de escolaridade contribui para a reprodução de classe e do *status* alcançado, bem como assegura aos herdeiros trilhar novos processos de ascensão social (SOUZA & LAMOUNIER, 2010).

Significados que os estudantes-jovens do ‘Cecília Meireles atribuem à escola e à educação escolar

Ao apresentar alguns significados que os sujeitos da pesquisa atribuíram à escola e à educação escolar lança mão dos achados obtidos no trabalho de observação e das narrativas que os jovens redigiram sobre “o sentido da escola” na vida juvenil.

Para parcela significativa dos estudantes a frequência à escola e a vivência do estatuto de estudante é como um jogo no qual as jogadas realizadas visam algum resultado prático ou “eficaz” (LELIS, 2005), pois na sala de aula o que continuamente presencie foi, por vezes, a dificuldade de realizar as atividades didáticas propostas pelos docentes ou o abandono do jogo para realizar outras atividades.

Entretanto, a leitura das narrativas sobre os significados que atribuem à escola e a escolarização é relativamente conflitante com tais posturas e condutas, pois para uma parcela significativa desses estudantes, a escola e o seu trabalho sobre eles teria três importantes significados: o primeiro seria a **preparação para o futuro** – profissional, para o ingresso na universidade, para ter um bom emprego, para oferecer boa qualidade de vida para a família futura; o segundo faz referências à **convivência com os pares, a amizade, a brincadeira, o lúdico, a sociabilidade**; o terceiro indica uma certa concepção de socialização moral e ética que diz respeito o aprendizado da convivência e respeito à alteridade, ao outro e às diferenças.

Considerações finais

Os resultados a que chegamos assemelham-se àqueles encontrados por outras pesquisas brasileiras com temática congênera - Barbosa (1999), Lelis (2005), Caierão (2008), Vilas (2009), pois para grande parte dos estudantes das classes médias com que dialoguei a escola e o seu trabalho teriam três importantes significados: o primeiro seria a **preparação para o futuro** – profissional, para o ingresso na universidade, para ter um bom emprego, para oferecer boa qualidade de vida para a família futura; o segundo faz referências à **convivência com os pares, a amizade, a brincadeira, o lúdico, a sociabilidade**; o terceiro indica certa concepção de socialização moral e ética que diz respeito ao aprendizado da convivência e respeito à alteridade, ao outro e às diferenças.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Emília Alfano. *Condição juvenil e experiência discente: um estudo em uma escola de ensino médio*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999

CAIERÃO, Iara Salete. *Jovens e escola: trajetórias, sentidos e significados: um estudo em escolas públicas de ensino médio*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2008

DAYRELL, Juarez, Tarcisio. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, v. 28, n. 100, Campinas, 2007.

DUBET, François e MARTUCELLI, Danilo. *En la escuela: sociología de la experiencia escolar*. Madrid : Editorial Losada, 1996.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Revista Contemporaneidade e Educação*, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.

LELIS, Isabel. O significado da experiência escolar para segmentos das camadas médias. IN: *Cadernos de pesquisa*, v. 35, n. 125, p. 137-160, mai/ago 2005.

LEON, Oscar Davila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. IN: FREITAS, Maria Virginia (org.) *Juventude e adolescência no Brasil. São Paulo: Ação Educativa, S/D*.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *REIS*, nº 62, 1993, p. 193-242.

MARGULIS, Mario y URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra! MARGULIS, Mario (org). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires : Editorial Biblos, 2000.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução de Angelina Teixeira Peralva. *Revista Brasileira de Educação*, mai/jun/jul/ago nº 05, 1997.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Portugal : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

SETTON, Maria da Graça J. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14 n. 41 maio/ago. 2009; p. 296-307.

SOUZA, Amaury & LAMOUNIER, Bolivar. *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. São Paulo: Editora Campus, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. *Revista da USP*, n.57, março/maio 2003.

VILLAS, Sara. *Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de Ensino Médio/Técnico*. Dissertação (Mestrado em Educação) de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação/UFMG, 2009. Belo Horizonte – MG.